

Serra do Navio deixa poluição como herança

Governo e empresa não se entendem sobre espólio

ISABEL CLEMENTE
REPÓRTER DO JB

Foi parar na Justiça o fim do contrato de exploração do manganês da Serra do Navio, no Amapá, que já foi uma das maiores reservas minerais do país. Passados 50 anos, a concessão expirou dia 3, mas o governo e a concessionária (Icomi) não se entendem sobre o espólio. Por lei, ele passa para o Estado. O problema é que na herança estão 78 mil toneladas de manganês contaminado por material cancerígeno. O rejeito, estocado em Santana, a 30 km da capital (Macapá), teria contaminado o lençol freático da região e resultou numa das maiores multas ambientais aplicadas no país (R\$ 52 milhões).

Há menos de cinco meses no poder, o governo propôs uma transição de 12 meses, antes de aceitar o acervo da exploração

mineral, que consumiu 900 hectares de floresta. A proposta foi rejeitada. A Icomi anunciou que iria tirar de serviço o trem que liga o município de Serra do Navio a Santana, mas ofereceu ônibus à população por 30 dias até o governo estadual se inteirar da situação. O governo conseguiu uma liminar que obrigou a empresa a manter o serviço por 60 dias.

— A estrada de ferro, que escoava a produção das jazidas, se tornou um meio de transporte imprescindível — explica o procurador-geral do Amapá, Ricardo Oliveira, para quem a empresa “está ansiosa para ir embora”. A direção da Icomi rebate.

— Uma coisa é o fim do contrato de concessão, e outra é acabar a Icomi, que só sairá do Amapá quando o passivo ambiental estiver resolvido — afir-

ma o diretor-superintendente da companhia, José Luiz Ortiz Vergolino.

Segundo ele, o reflorestamento estará concluído em até dois anos. Ele diz que um laudo do Instituto Evandro Chagas, de Belém, não constatou contaminação humana.

Estado e empresa também brigam pela posse de 3,6 milhões de toneladas de manganês, com valor de mercado estimado em US\$ 70 milhões, segundo o procurador do Amapá. A empresa alega que, por lei, o minério é de-

la. E o Estado quer o manganês no espólio. A empresa extraiu, em 50 anos, 60 milhões de toneladas de manganês da Serra do Navio e exportou 35 milhões, o suficiente para encher 1.166 navios. A jazida está esgotada.

isabel@jb.com.br

Há 78 mil toneladas de material contaminado à espera de um destino